

Recebido em: 26/11/2020

Publicado em: 18/06/2021

TRANSTORNO DE ANSIEDADE EM ADOLESCENTES VESTIBULANDOS: APROXIMAÇÕES

Waldeciria Costa¹ orcid.org/0000-0002-9795-2942

Wesley Natan Ferrari² orcid.org/0000-0002-6552-6092

RESUMO. A ansiedade hoje é considerada um dos principais transtornos mentais que acomete a população. Especialmente na adolescência existem alguns fatores que podem desencadear ou potencializar quadros de ansiedade, como nos períodos em que esses jovens se preparam para o vestibular. Frente a essa problemática, o presente artigo apresenta o estudo realizado no âmbito de um projeto de iniciação científica que tem como objetivo principal levantar o que tem sido produzido sobre a prevalência de ansiedade e fatores de risco em estudantes candidatos ao vestibular, focando inicialmente o que foi produzido sobre estudantes da cidade de Maringá -PR. Por meio de uma revisão bibliográfica acerca da realidade de estudantes vestibulandos pesquisou-se no acervo da biblioteca central da Universidade Estadual de Maringá, nos bancos de dados BVS-PSI, SciELO, PePSIC, Google Acadêmico e em outros materiais como livros físicos, buscando-se contribuir com uma síntese do que vem sendo produzido. A revisão de literatura realizada abrangeu os conceitos de ansiedade e adolescência; os diversos fatores que podem desencadear ansiedade nos vestibulandos e; a importância de considerar a problemática da ansiedade em vestibulandos relacionando-a com a organização do sistema educacional. Verificou-se a quase inexistência de estudos referentes a estudantes de Maringá e poucos referentes à saúde mental dos vestibulandos de forma geral, indicando a necessidade de mais investigações sobre a temática.

Palavras-chave: Ansiedade; Adolescência; Vestibular.

¹ Psicóloga clínica; walcosta@gmail.com.

² Discente do curso de Psicologia do UniFCV; wfn.wesleypsico@gmail.com.

ANXIETY DISORDER IN ADOLESCENTS: APPROACHES

ABSTRACT. Anxiety today is considered one of the main mental disorders that affects the population. Specifically during adolescence, there are factors that can trigger or enhance anxiety disorders, such as in the periods when these young people are preparing for the entrance exam. Faced with this problem, the present article presents the study carried out within the scope of a scientific initiation project whose main goal is to survey what has been produced about the prevalence of anxiety and risk factors in students applying to the entrance exam, initially focusing on what was produced about students from the city of Maringá-PR. Through a bibliographic review about the reality of undergraduate students, we searched the collection of the central library of the State University of Maringá, the BVS-PSI, Scielo, PePsic, Google Scholar databases and other materials such as physical books, contributing to a synthesis of what is being produced. The literature review carried out covered the concepts of anxiety and adolescence; the various factors that can trigger anxiety in the students and; the importance of considering the problem of anxiety in undergraduate students in relation to the organization of the educational system. There are almost no studies on students from Maringá and few on the mental health of undergraduate students in general, indicating the need for further research on the subject.

Keywords: Anxiety. Adolescence. Entrance exam.

Apresentação

A ansiedade é um tema amplo no campo da psicologia. Cada abordagem psicológica aborda o tema de diversas formas. O intuito deste trabalho não é diferenciar cada uma dessas abordagens, enfatizando ou defendendo determinado modo de descrição, mas identificar o que pode ser considerado como ansiedade enquanto patologia e o que pode ser identificado como ansiedade dita normal.

Certamente todas as pessoas já vivenciaram um estado de ansiedade frente a uma situação eventual do cotidiano. É difícil pensar que um estado de calma e segurança seja perpetuado em uma pessoa, ou seja, é natural trabalhar com a ideia de que certas experiências possibilitam a vivência de um estado de ansiedade. Além de fazer parte da existência dos seres humanos, a ansiedade é parte importante de suas vidas. Segundo

[v.1, n.1] Jan./Jun.2020

Clark e Beck (2012) sentir-se ansioso pode melhorar o desempenho do ser humano na realização de uma determinada tarefa, como, por exemplo, a preparação para a prova do vestibular.

As experiências de ansiedade são recorrentes na vida de qualquer pessoa, algumas vividas positivamente, porém em muitos momentos essas experiências podem ser bastante negativas. Estados de ansiedade em intensificações extremas podem ser considerados como problemas de saúde mental. Desta forma, é válido refletir sobre a ansiedade considerada patológica e não-patológica.

Segundo Dalgarrondo (2019), a ansiedade é um dos transtornos mentais mais frequentes no mundo todo. Sintomas de ansiedade estão presentes em diversos outros transtornos, como fobias, transtorno obsessivo-compulsivo, estresse pós-traumático e outros. Esses quadros, de acordo com o mesmo autor, não fazem parte do transtorno de ansiedade, mas têm a ansiedade como sintoma relevante.

Dalgarrondo (2019) enfatiza dois tipos de ansiedade: a que é permanente e constante, a chamada ansiedade generalizada; e a intensa, que ocorre em crises, as denominadas crises de pânico.

A ansiedade generalizada é caracterizada pela “(...)presença de sintomas ansiosos excessivos, na maior parte dos dias, por vários meses. A pessoa vive angustiada, tensa, preocupada, permanentemente nervosa ou irritada” (DALGARRONDO, 2019, p.366). No entanto, não é somente na presença de sintomas que se pode diagnosticar um transtorno de ansiedade. O diagnóstico de um transtorno de ansiedade é realizado a partir da verificação da intensidade e influência do sofrimento na vida de uma pessoa, ou seja, “(...) é necessário verificar se os sintomas ansiosos causam sofrimento clinicamente significativos e prejudicam a vida pessoal, social e ocupacional do indivíduo” (DALGALARRONDO, 2019, p.366). A ansiedade, segundo Castillo (2000), pode ser considerada como patológica quando os sintomas ocorrem de forma exagerada, interferindo na qualidade de vida emocional e desempenho diário das atividades cotidianas do sujeito.

A ansiedade pode se apresentar como um transtorno ou como uma reação natural do corpo. Por isso, ao se deparar com eventos que possivelmente desencadeiam ansiedade, assim como o exame vestibular atrelado à sua exaustiva rotina, deve-se analisar como determinadas atividades acadêmicas influenciam na perda da saúde mental. A observação do cotidiano dos estudantes no Brasil e alguns estudos sobre o tema nos

[v.1, n.1] Jan./Jun.2020

mostram que a ansiedade está presente em adolescentes vestibulandos, logo é necessário que se façam desdobramentos acerca dos fatores que podem desencadear ansiedade nesses estudantes. Frente a essa realidade e interesse pelo tema, foi elaborado o projeto de iniciação científica com o objetivo geral de investigar o que tem sido produzido sobre a prevalência de ansiedade em estudantes vestibulandos da cidade de Maringá e, como objetivos específicos, identificar os fatores de risco presentes no contexto desses estudantes; verificar as possíveis implicações desses fatores com a organização do sistema educacional; identificar diferenças que se configuram como aspectos relevantes no tocante à ansiedade entre estudantes que cursam o ensino público e particular.

A metodologia utilizada para a pesquisa exposta no presente documento caracterizou-se como uma revisão bibliográfica em que se pesquisou especialmente no acervo da biblioteca central da Universidade Estadual de Maringá, nos bancos de dados BVS-PSI, Scielo, PePsic, Google Acadêmico e em outros materiais. A revisão de literatura realizada abrangeu os conceitos de ansiedade e adolescência; os diversos fatores que podem desencadear ansiedade nos vestibulandos e; a importância de considerar a problemática da ansiedade em vestibulandos relacionando-a com a organização do sistema educacional.

Por fim, as diversas produções científicas que foram analisadas como relevantes para a pesquisa e que, de alguma forma, perpassam a problemática do transtorno de ansiedade em adolescentes vestibulandos, foram utilizadas para que se tenha novas perspectivas acerca do problema abordado. Inicia-se a exposição partindo de algumas considerações sobre a adolescência, fase de vida em que se encontram os vestibulandos nos trabalhos encontrados na pesquisa bibliográfica.

Adolescência: alguns aspectos relevantes

No Brasil, de acordo com o Art. 2º do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), é considerada adolescência, para os efeitos desta Lei, a fase da vida humana que inicia aos doze e termina aos dezoito anos de idade (ECA, 1990). No entanto, Souza e Silva (2018) levantam questionamentos acerca da adolescência: seria ela uma fase do desenvolvimento humano que é demarcada apenas por uma maturação biológica? Que outros aspectos definem a fase da adolescência?

[v.1, n.1] Jan./Jun.2020

Souza e Silva (2018) enfatizam a necessidade de entender a fase da adolescência para além de uma demarcação biológica quando fazem a seguinte afirmação: “a complexa constituição do humano nos pede uma análise mais aprofundada acerca desse período específico da vida (adolescência), a partir da compreensão da extensa gama de experiências e relações sociais que o constituem” (SOUZA E SILVA, 2018, p.24), ou seja, além dos aspectos biológicos, a adolescência é marcada e ou constituída por outros fatores, como os culturais, históricos, econômicos e psicológicos e sociais.

Reiterando a perspectiva supracitada, Bock, Furtado e Teixeira (2005) também argumentam acerca desta fase do desenvolvimento humano, enfatizando sua indefinição no tocante à não existência de um critério exato de definição da fase que vai da puberdade até a idade adulta. Essas incertezas acerca da adolescência exigem, de fato, uma compreensão de que qualquer possível definição necessita considerar todas as transformações sociais em que estamos inseridos, levando em consideração os próprios aspectos sociais, culturais, históricos, econômicos e psicológicos específicos (Senna e Dessen, 2012).

É inegável a grande possibilidade de instabilidade de qualquer pessoa no período da adolescência, levando em consideração a possibilidade de uma pessoa estar enfrentando um período de fragilidade, assim como argumentam Silva e Zanini (2011), bem como se deparar com momentos de crise, conforme sinaliza D’Avila e Soares (2003), sem deixar de mencionar a viabilidade de maturações biológicas e psicológicas acontecerem nesta fase (PERUZZO, et al, 2008). Entretanto, para uma produção científica acerca do transtorno de ansiedade em adolescentes vestibulandos, é preciso que haja um processo de conhecimento da realidade contextual do público estudado.

O transtorno de ansiedade presente em adolescentes vestibulandos é uma temática que demanda uma análise da adolescência, no tocante a entender que, para cada contexto social e cultural, há uma realidade diferente acontecendo (SENNA E DESSEN, 2012). Não é suficiente dizer, de forma fragmentada e generalizada, que adolescentes podem enfrentar crises identitárias, maturações biológicas, tampouco dizer que é uma fase de fragilidade e conflitos, mas para se analisar a problemática acerca do transtorno de ansiedade no exame vestibular, é preciso que haja uma aproximação entre a comunidade científica e o público estudado para que não seja apresentada nenhuma generalização equivocada acerca da fase da adolescência.

[v.1, n.1] Jan./Jun.2020

Ao se deparar com a temática proposta por esse artigo, o leitor poderá se questionar acerca da relevância das ponderações expostas referente às questões da adolescência. No entanto, considerar a adolescência como uma fase totalizada, sem reduzi-la a fragmentos de crises identitárias, bem como momentos de fragilidade, mas levando em consideração os diversos aspectos que perpassam esta fase do desenvolvimento humano, é um dos objetivos de exposição deste trabalho, entendendo a necessidade de conhecimento do público estudado, o que será levado a efeito em investigação posterior.

Portanto, levando em consideração as incertezas da fase da adolescência, aumenta a responsabilidade de toda e qualquer instituição, especialmente a escola, bem como a psicologia, em zelar pelas pessoas que atravessam esta fase, especialmente adolescentes submetidos ao contexto do vestibular, que se constitui como uma avaliação exigente, concorrida, difícil e classificatória (D'AVILA E SOARES, 2003; DAOLIO E NELFELD, 2017), podendo desencadear os mais diversos transtornos, como o de ansiedade.

Sistema Educacional como produtor de fatores desencadeantes da ansiedade

Ao longo do desenvolvimento da história da humanidade, a escola foi se construindo como uma instituição especializada, encarregada de transmitir o conhecimento para as pessoas. No século XIX, a escola foi sendo universalizada, deixando de ser uma instituição voltada apenas para as classes de poder. Por meio da luta da classe trabalhadora, que visava o término do ensino apenas para a classe dominante, abre-se espaço para a busca da democratização na escola e, assim, a classe proletária contribui para a promoção de ensino para crianças e jovens que antes não tinham contato com conteúdos escolares (BOCK ET AL, 2005).

Passa a ser comum, segundo Aranha (2006), que as pessoas desejem que seus filhos participem da escola para que alcancem ascensão social, especialmente pessoas de classes mais baixas. No entanto, com a hegemonia do capitalismo e o modelo fragmentado de sociedade sendo estabelecido, a educação vai fugindo do papel da universalização do saber e se tornando um aparelho ideológico do modelo social capitalista, no qual passa a perpetuar as desigualdades sociais (ARANHA, 2006). Nesse sentido, tem-se duas realidades: a prática educacional e o ideal de educação. Em um

[v.1, n.1] Jan./Jun.2020

primeiro momento será desdobrado o modelo educacional e pedagógico ideal para uma prática escolar universalizante; em seguida será sinalizado a forma como a escola tem sido na sua prática educacional.

Saviani (2012b) entende que a escola apresenta-se como uma forma de amenizar as desigualdades sociais, “(...) cujo papel consiste na socialização do saber sistematizado” (SAVIANI, 2012b, p.14), ou seja, a partir de um saber totalizado (não fragmentado), clássico (que resistiu ao tempo, com caráter permanente) e científico (para além do saber do senso comum), os alunos passam a relacionar a vida cotidiana com o conhecimento crítico formado na escola. Tendo essa articulação, a escola deixa de ser uma instituição cujo papel resume-se em preparar os alunos para o mercado de trabalho e passa a ser uma instituição que promove, entre outras coisas, desenvolvimento humano, pensamento crítico e cidadania.

A especificidade da educação é situada por Saviani (2012b p.20) como sendo “(...) referida aos conhecimentos, ideias, conceitos, valores, atitudes, hábitos, símbolos sob o aspecto de elementos necessários à formação da humanidade em cada indivíduo singular (...)” ou seja, o saber escolar precisa ser atrelado aos conhecimentos sociais para que, assim, haja a apropriação dos aspectos culturais e sociais, permitindo a formação humana de cada aluno.

Para que haja esse processo de aprendizagem e deslocamento do saber para a vida social, é preciso que os alunos se apropriem dos conteúdos escolares já existentes para que, a partir da dominação dos mecanismos educacionais, o chamado automatismo³, o aluno possa atuar de forma criativa frente ao que foi internalizado. Saviani (2012b) argumentou que o automatismo é condição de liberdade para um indivíduo, ou seja, uma pessoa só passa a refletir de forma criativa sobre uma realidade complexa a partir do momento em que ela se apropria do conhecimento básico que antecede o complexo. Exemplo disso é a necessidade de uma pessoa se apropriar dos movimentos básicos necessários para dirigir um carro até que estes se tornem automáticos, para só então ela voltar sua atenção ao dinamismo do trânsito.

A apropriação dos conteúdos é uma prática habitual que demanda tempo e insistência para ser realizada (SAVIANI, 2012b). No entanto, a prática educacional no

³ Automatismo é um conceito desdobrado por Saviani (2012b), que significa se apropriar de conteúdos simples até que estes se tornem automáticos dando base para a apropriação de conteúdos mais complexos.

[v.1, n.1] Jan./Jun.2020

contexto do vestibular se faz distante do que foi supracitado. D'Avila e Soares (2003) afirmam que o ensino médio tem se afastado da prática de ensino necessário para os alunos e reduzido o ensino a “macetes” e dicas para melhor responder às questões do vestibular, ou seja, os métodos utilizados atualmente fogem de uma compreensão de apropriação dos conteúdos, mas prevalece o “decorar” para ser aprovado no vestibular. Essa compreensão nos leva a entender a grande quantidade de conteúdos exigidos para o vestibular e a necessidade de decorá-los para realizarem a prova.

Segundo Aranha (2006) caberia à escola formar a humanidade em cada pessoa singular, universalizar o saber, desfazer as desigualdades sociais, fazendo alavancar o processo de democratização. Esse seria o papel ideal da escola, no tocante a ser um instrumento de busca pela equidade social por meio do ensino e aprendizagem dos mesmos conteúdos a todas as classes, relacionando-os com a vida cotidiana. Dito de outra forma, a escola seria o meio pelo qual tornaria iguais as oportunidades de pessoas de classes diferentes. No entanto, a realidade é constituída de outra forma.

A desconexão dos conteúdos teóricos da prática social legitima a efetivação do ensino médio voltado apenas para o vestibular (D'VILA E SOARES, 2003). Aos poucos, decorrente dos processos de corrupção e caos social, a escola vai desempenhando um papel de “enclausuramento” dos alunos, deixando-os longe da realidade social e permitindo que tenham um ensino fragmentado (BOCK et al, 2005), isto é, a escola vai se desviando de seu papel de preparar o aluno para a vida cotidiana, que seria dar a ele a oportunidade de formar pensamento crítico acerca da sociedade, mas ao contrário, passa a ensinar ao aluno conteúdos distantes da realidade social, promovendo um sujeito passivo frente à realidade em que ele vive.

O ensino médio vai se tornando uma preparação dos alunos para o mercado de trabalho, o vestibular sendo visto como o processo seletivo que vai proporcionar o sucesso da carreira do aluno. Não se deve considerar que a preparação para a carreira profissional seja algo equivocado, mas esse não é o único papel da escola, assim como foi supracitado.

Afastando-se de um saber universal e reduzindo-se a uma preparação para o mercado de trabalho, o ensino médio como preparação para o vestibular passa a reproduzir a competitividade do mercado de trabalho, pois acredita-se que uma carreira profissional de sucesso passa por cursar uma universidade de qualidade. Nessa perspectiva, para que um aluno seja aprovado no vestibular e seja inserido em uma universidade de credibilidade, outros alunos precisarão reprovar no processo seletivo,

[v.1, n.1] Jan./Jun.2020

configurando-se, assim, como um evento competitivo e de extrema responsabilidade, possibilitando o desencadeamento do transtorno de ansiedade (RODRIGUES E PELISOLI, 2008; D'AVILA E SOARES, 2003).

Como se não bastasse, o problema escolar é ainda maior. Existe a presença de diversos paradoxos no sistema educacional: ao passo que ocorre o distanciamento do ensino teórico da prática social acontece, também, a reprodução das desigualdades sociais na escola, ou seja, os valores sociais, os modelos de comportamento e também as desigualdades de classe vão sendo reproduzidos dentro do ambiente escolar ao passo que o ensino vai sendo distanciado da vida cotidiana do aluno (ARANHA, 2006). Dessa forma, ao invés de democratizar, a escola reproduz as diferenças sociais, afasta o conhecimento da realidade cotidiana, perpetua o estado das coisas, se reduz ao vestibular no ensino médio, oportuniza o desencadeamento do transtorno de ansiedade nos adolescentes vestibulandos e por isso, constitui-se como uma instituição discriminadora e repressiva (ARANHA, 2006).

As características do sistema educacional supracitadas ao longo do texto foram descritas, segundo a abordagem dos autores citados, para esclarecer suas possíveis influências no desencadeamento do transtorno de ansiedade nos adolescentes vestibulandos. A elevada carga de conteúdos que os alunos precisam estudar, decorrente da forma conteudista de ensino, possibilita que o adolescente vestibulando sinta-se impotente frente a qualquer fracasso diário e ao se deparar com um elevado número de candidatos, o que desencadeia medo por achar que não vai dar conta.

Fatores ansiogênicos no contexto do exame vestibular

Dentre as poucas produções científicas encontradas relativas à temática da ansiedade em vestibulandos, destaca-se a de Rodrigues e Pelisoli (2008) que realizaram uma pesquisa visando indicar o nível de ansiedade dos alunos vestibulandos e a quantidade de alunos em que este transtorno se apresentou. Como resultado do referido trabalho, os autores argumentam a respeito do vestibular, afirmando que a prova tem maximizado a ansiedade.

Prova disso foram os resultados expostos pelos mesmos pesquisadores, que na população estudada encontraram em 456 (43,6%) alunos a presença de ansiedade em seu

[v.1, n.1] Jan./Jun.2020

nível mínimo, 343 (32,8%) apresentaram nível leve, 185 (17,7%), nível moderado e 61 (5,8%) apresentaram ansiedade considerada grave, em um total de 1045 participantes.

Em estudo realizado na cidade de Alfenas - MG, Terra et al (2013) propuseram verificar a presença da ansiedade e depressão em alunos vestibulandos. A pesquisa foi realizada com 275 alunos vestibulandos de quatro cursos preparatórios para o vestibular. Desses 275 alunos, 93 (33,8%) deles apresentaram ansiedade e 68 (24,7%) apresentaram ansiedade e depressão.

Não é objetivo neste trabalho simplesmente categorizar alunos com ansiedade tendo como parâmetro algumas características sintomáticas, visto que o termo se constitui de forma ampla, podendo a ansiedade ser encarada de forma positiva pelo aluno, considerando sua capacidade de fazer com que o aluno tenha mais atenção, assim como foi mencionado ao longo do texto. No entanto, é necessário problematizar a realidade estudantil dos vestibulandos com relação ao transtorno de ansiedade, visto que há um certo número de pessoas que têm sido atingidas pela ansiedade dentro do dinamismo do exame seletivo.

Dentre os aspectos que podem gerar ansiedade, o despreparo escolar se constituiu como um possível fator ansiogênico para adolescentes que passaram pelo vestibular. Em um estudo realizado por D'Avila e Soares (2003) foi sinalizada uma quantidade elevada de alunos que não se sentem preparados para a prova. Mais especificamente, de aproximadamente 400 candidatos ao vestibular presentes na pesquisa, 60% desse número alegaram despreparo quanto ao conteúdo. Nesse sentido, é válido apontar as diferenças que há entre o ensino público e o privado, no tocante a investigar as influências da prevalente precariedade do ensino público no transtorno de ansiedade dos adolescentes vestibulandos.

É problemático e complexo definir que a boa qualidade do ensino esteja apenas vinculada ao ensino privado, pois há escolas públicas competentes, que formam seus alunos com qualidade, como há também as que são completamente desestruturadas (SANFELICE, 1996). No entanto, de um modo geral, é inegável a precariedade do ensino que tem sido reproduzido nas escolas públicas, no qual é corriqueiro o despreparo de professores e a ausência de estruturas adequadas para que o aluno usufrua de satisfatórias oportunidades educacionais (GUHUR, ALBERTO E CARNIATO, 2010).

Os alunos de escolas públicas, que possuem objetivos diferentes de alunos de classes mais altas em relação ao vestibular, como por exemplo uma oportunidade de

[v.1, n.1] Jan./Jun.2020

ascensão social, sofrem o impacto de serem menos preparados do que alunos de classes mais altas (Aranha, 2006; Terra, et al, 2013). No entanto, dizer que é corriqueiro o despreparo educacional nas redes públicas de ensino não quer dizer que a educação brasileira está em crise, pois, segundo Sanfelice (1996), há uma intencionalidade nesse processo, ou seja, não é pelo fato da crise que alguns alunos de escolas públicas sofrem com a problemática da desestruturação educacional no ensino público. Segundo o autor, desde o início da escola, com os Jesuítas catequizando as elites sociais até os dias atuais da educação brasileira, o sistema educacional cumpre seu papel, que é estabelecido pelo sistema vigente na sociedade.

A educação atual “(...) não se universaliza, não é substantiva, é reprodutiva e discriminadora, desqualifica-se (...)” (SANFELICE, 1996, p.7) - especialmente nas redes públicas - visando a ascensão do privado e atender outros interesses, isto é, a educação se constitui perfeitamente dentro dos moldes capitalistas (SANFELICE, 1996). O Estado está inserido na lógica capitalista, no qual as instituições estatais reproduzem os ideais desse sistema, ou seja, a escola - aparelho ideológico do Estado - passa a reproduzir e manter, por meio da ideologia, a lógica capitalista. Nesta perspectiva, não há crise quando os modelos educacionais estão exatamente da forma como o sistema político-econômico hegemônico determina.

Certamente o vestibular atinge de formas distintas cada aluno que se submete a ele, não havendo possibilidade de dizer qual aluno sofre maior impacto frente ao exame. Entretanto, o intuito de enfatizar a fragilidade do sistema educacional nas redes públicas não é verificar quais alunos sofrem mais com o transtorno de ansiedade frente ao exame vestibular - alunos de escolas públicas ou privadas - mas sinalizar as desigualdades educacionais como possibilidades de desencadeamento do transtorno de ansiedade assim como sinaliza Terra, et al (2013).

Além das diferenças qualitativas de ensino entre as escolas públicas e privadas, outro aspecto que também tem se destacado como possibilidade de componente ansiogênico é a escolha profissional (RODRIGUES E PELISOLI, 2008). Há uma exigência social para que o aluno faça sua escolha profissional logo no término do ensino médio (D’AVILA E SOARES, 2003; PERUZZO, et al, 2008), o que faz com que o ingresso nas universidades torne-se algo prioritário na vida de muitos adolescentes - considerando aspectos sociais e culturais -, assim como foi postulado por Peruzzo, et al (2008).

[v.1, n.1] Jan./Jun.2020

Nesse sentido, escolher uma profissão que possivelmente será para o resto da vida do indivíduo tem uma relevância extremamente alta e intensa envolvendo o adolescente. Além disso, na medida em que o aluno faz a escolha por um curso, ele deixa de escolher todos os outros, o que pode acarretar em largas crises e processos de luto, levando em consideração que, por motivos sociais, ele pode não ter escolhido o curso que deseja (GUHUR, ALBERTO E CARNIATTO, 2010; D'AVILA E SOARES, 2003).

No Brasil, a pressão social por uma escolha profissional se intensificou após o processo de industrialização, quando iniciou-se a inserção de uma lógica Taylorista no mundo do trabalho, como averiguado na máxima “homem certo para o lugar certo” (BOCK et al, 2005), isto é, passa-se a entender que é necessário descobrir uma vocação profissional para atuar em uma área de trabalho específica. A perspectiva de que cada pessoa tem uma vocação para atuar é desmistificada por Bock et al (2005), pois enfatizam que qualquer atividade humana é desenvolvida ao longo dos processos de relações humanas, ou seja, processos sociais. Logo, cada pessoa, de acordo com suas possibilidades sociais, constitui seu desenvolvimento e é inserida nas relações de trabalho.

Pode-se dizer que há uma diferente realidade para cada adolescente, levando em consideração as pressões individuais e sociais diversas que envolvem o vestibular e a exigência imediata na escolha profissional. A classe social mais baixa pode enxergar o vestibular como única possibilidade de ascensão social (GUHUR, ALBERTO E CARNIATTO, 2010); por outro lado, adolescentes de classes mais altas podem se deparar com expectativas mais elevadas de seus pais em relação a escolha de determinada profissão, associando-a como um fator que pode, por exemplo, manter a alta condição financeira (D'AVILA E SOARES, 2003). Diante dessa lógica, o jovem acaba envolto por numerosas responsabilidades que estão interligadas a fatores afetivos e até mesmo econômicos.

É certo que cada adolescente, inserido em diferentes contextos, vai sofrer diversas influências no momento de escolher uma profissão, como a interferência de amigos (RODRIGUES E PELISOLI, 2008), interferência familiar (TERRA, et al, 2013; RODRIGUES E PELISOLI, 2008; D'AVILA E SOARES, 2003), interferência financeira e até mesmo interferência do próprio exame vestibular (GUHUR, et al, 2010), levando em consideração o elevado grau de dificuldade do exame para alguns cursos.

[v.1, n.1] Jan./Jun.2020

O intuito, portanto, de enfatizar que existem diferentes realidades para os adolescentes acerca da escolha profissional não é classificar quem sofre menos ou mais com esse fenômeno, mas de entender que para cada contexto é preciso que, necessariamente, haja auxílio das diversas instituições sociais que perpassam a vida do adolescente no contexto da escolha profissional, como a escola.

É possível verificar que, ao invés de dar suporte para os alunos no momento da escolha de uma profissão, há uma lógica que está sendo reproduzida na escola que é o “aprender a fazer” e não o “aprender a refletir” (D’AVILA E SOARES, 2003). Esse fenômeno é decorrente da reprodução dos moldes capitalistas por parte da escola. A lógica de produção capitalista defende a ideia de que para cada ocupação há profissionais aptos para ela (BOCK, FURTADO E TEIXEIRA, 2005), ou seja, cada adolescente, na medida em que é influenciado socialmente pela escolha de uma profissão, se submete à possibilidade de escolher um ramo profissional que fuja de suas vontades, podendo acarretar em largas possibilidades de arrependimento e conseqüentemente, essa escolha pode se constituir como fator ansiogênico.

Depois dessa difícil escolha de profissão, o adolescente se depara com o próprio exame seletivo denominado vestibular. Em um estudo realizado por Guhur, Alberto e Carniatto (2010) são apontadas duas formas de fatores de estresse eventuais: dependentes e independentes. Os eventos dependentes são sinalizados como um episódio em que dependem da interpretação das pessoas que o enfrentam para que sejam considerados como fatores estressantes ou não, ou seja, o evento em si não causa estresse ou ansiedade, mas a forma como o indivíduo o enfrenta. Em contrapartida, eventos independentes são referidos como fatores estressantes por si só, ou seja, o fato de a pessoa não ter controle sobre determinada situação eventual o torna “refém” do próprio evento.

Desse modo, além dos diversos possíveis fatores desencadeadores do transtorno de ansiedade externos ao exame vestibular, o próprio ato de realizar a prova se constitui como um evento estressante independente, visto sua complexidade e importância para a vida do adolescente. Esta afirmação é esclarecida quando D’Avila e Soares (2002) citam o exemplo do vestibular como uma prova concorrida, difícil, exigente e classificatória, se caracterizando, dessa forma, como um fator ansiogênico independente.

Dizer que o próprio ato de realizar a prova do vestibular é um fator estressante e que este pode desencadear o transtorno de ansiedade é um tanto quanto perigoso, visto a possibilidade do leitor não entender a diversidade de aspectos que o constituem como

[v.1, n.1] Jan./Jun.2020

uma prova classificatória, concorrida e difícil. Nesse sentido, o vestibular é um processo que reflete a realidade social e econômica no país. Althusser (1970) aponta a escola como sendo um aparelho ideológico do estado, ou seja, o modo de produção capitalista reflete-se nas escolas que seguem esse modelo, no qual seu papel, por fim, é o de manter a lógica desse sistema exatamente como está por meio da ideologia .

É possível compreender que, por mais que o ato de realizar a prova do vestibular seja um possível fator ansiogênico, os aspectos externos a ele são os que o constituem. O vestibular não é um fator ansiogênico isolado socialmente, mas é um resultado intencional de um sistema educacional enquadrado nos moldes capitalistas, que visa a fragmentação do saber e se distancia da inter-relação entre o saber teórico escolar e a prática sociocultural. Prova disso é a forma de ensino no vestibular, no qual fragmenta o conhecimento totalizado em diversas matérias necessárias à aprovação ao exame, assim como é constituído o ensino escolar brasileiro.

A fragmentação do ensino, por sua vez, faz parte de uma legitimação ou reprodução dos modelos de produção capitalista, que estimula o trabalho fragmentado nos modos de produção. Althusser (1970) enfatiza que a escola é uma instituição que ensina aos futuros trabalhadores os saberes práticos, no intuito de prepará-los tecnicamente para as empresas, visto o alto número de candidatos para cada vaga e a necessidade de qualificação para o ingresso no mundo do trabalho.

Existindo a necessidade de conquistar um espaço para o mercado de trabalho, o exame vestibular também é visto pelos adolescentes como uma disputa de carreira, pela baixa quantidade de vagas para o elevado número de candidatos, no qual “vence o que está mais preparado” (DAOLIO E NELFELD, 2017). Nessa disputa, D’Avila e Soares (2003) definem o vestibular não somente como porta de entrada para o mundo do trabalho, mas, sobretudo, como porta de saída, levando em consideração a quantidade de reprovações em cada exame seletivo.

O exame vestibular é visto por muitos autores como um marco importante na vida de um adolescente, devido à correlação do projeto de “ser alguém” atrelado ao ingresso no mundo do trabalho com a necessidade da realização da prova para a entrada no ensino superior (DAOLIO E NELFELD, 2017).

Rodrigues e Pelisoli (2008) enfatizam a importância do vestibular não só para o próprio aluno, mas para os pais e ou familiares. Na pesquisa realizada pelos autores, a ansiedade é elevada de forma significativa quando o aluno se sente obrigado a realizar o

[v.1, n.1] Jan./Jun.2020

vestibular. Essa obrigação, além de partir de uma exigência social como um todo, é exercida pelos próprios pais que consideram a aprovação no vestibular como um fator de comprovação de que seus filhos foram bem educados (D'AVILA E SOARES, 2003). Os mesmos autores ainda sinalizam que em muitos casos a ansiedade também atinge os próprios familiares, fazendo com que eles mudem suas próprias rotinas para não prejudicar o filho.

Considera-se que o dinamismo do vestibular é uma continuação dos moldes sociais, que proporciona possibilidades de incentivo à competitividade visto a dificuldade da prova para um elevado número de candidatos e o entendimento de que não depende apenas de si próprio para a aprovação, mas de outros candidatos (RODRIGUES E PELISOLI, 2008), de desencadear culpabilização dos pais e alunos quando se deparam com a reprovação no exame seletivo (D'avila e Soares, 2003), se constituindo, portanto, como um fator que pode causar ansiedade não só no vestibulando, mas em todo núcleo familiar. A fase pré-vestibular é vivida por grande parte das pessoas na adolescência, uma fase da vida de muitas contradições e indefinições, que requer um olhar mais aprofundado para sua compreensão.

Considerações finais

Diante do exposto sobre o transtorno de ansiedade em adolescentes vestibulandos, pode-se concluir que a comunidade científica precisa avançar em suas pesquisas acerca da temática. Foram encontrados poucos estudos que tratem da problemática de forma integrada, considerando-a em seus diversos âmbitos, como o âmbito social, econômico, cultural, individual e outros. Foram encontrados artigos que tratam sobre a ansiedade como sendo um fator que atrapalha o desempenho do aluno na realização da prova, ou seja, pouco enfocando a saúde mental dos adolescentes. A ênfase tem sido dada para as formas de enfrentamento do aluno frente ao vestibular. Especificamente na cidade de Maringá, inicialmente colocado como foco central nesta pesquisa, foi encontrada apenas uma tese de pós-graduação acerca do transtorno de ansiedade em adolescentes vestibulandos.

Entende-se que o transtorno de ansiedade não seja algo simples de se identificar, pois não se constitui como apenas um conjunto de sintomas que uma pessoa apresenta, entendendo que é preciso verificar sua história de vida, bem como o contexto em que ela

[v.1, n.1] Jan./Jun.2020

está inserida, além de investigar o grau de permanência dos sintomas, ou seja, antes que se tenha um diagnóstico de transtorno de ansiedade, é preciso que sejam analisados os diversos aspectos que perpassam a vida de uma pessoa frente aos sintomas.

A ansiedade não é algo necessariamente ruim, assim como foi apresentado anteriormente nesse texto, pois em certos momentos eventuais as pessoas terão um tipo de ansiedade considerada normal e necessária. No entanto, é fundamental haver cuidado com os adolescentes, não tornando o desencadeamento do transtorno de ansiedade presente no vestibular como algo natural do processo de avaliação. A prevenção e o cuidado com a saúde do aluno devem ser maiores que a necessidade de ser aprovado.

Ao longo do texto, procurou-se deixar clara a perspectiva de que o sistema educacional tem corroborado com a possibilidade do desencadeamento do transtorno de ansiedade em adolescentes vestibulandos. É de ressaltar que as diversas características do sistema educacional não podem ser vistas como uma crise da educação, pois todas elas são características intencionais do próprio sistema (Sanfelice, 1996). Nesse sentido, é desestimulante pensar que para que se tenha uma mudança nas escolas, é preciso que o sistema social mude. No entanto, é necessário resistir e lutar, por meio da crítica, para que se reduza minimamente os danos causados em alunos que se deparam com a prova do vestibular. Só haverá mudança se houver uma transformação social, por isso precisamos manter o entendimento de que a saúde dos adolescentes é mais importante que a aprovação e, assim, resistir às tentativas do sistema educacional em tornar a educação reduzida a ser um caminho para a inserção ao mercado de trabalho.

Em outras palavras, é imprescindível a presença da crítica, pois somente no movimento dialético entre limite da crítica teórica e da prática revolucionária é que tal problemática pode apresentar mudanças (TULESKI, 2008), logo a crítica pode se tornar uma forma de intervenção a longo prazo contra as questões do transtorno de ansiedade em adolescentes vestibulandos.

Saviani (2012) também nos ajuda a refletir essa problemática quando diz que a crítica teórica faz parte de uma prática de resistência, na busca pela luta de um ensino menos fragmentado, seletivo e discriminador. Nesse sentido, havendo melhores qualidades educacionais haverá, conseqüentemente, mais oportunidades do vestibular não se configurar como um evento que desencadeia transtorno de ansiedade nos vestibulandos.

[v.1, n.1] Jan./Jun.2020

A ansiedade em adolescentes vestibulandos não pode ser relacionada com um problema pessoal de alunos que não sabem se preparar para a prova, nem como um problema natural a se enfrentar pelos adolescentes, mas é necessário que haja uma percepção de que são inúmeros os fatores que contribuem para o desencadeamento do transtorno de ansiedade, que vão de questões sociais a particulares. Por isso, é imprescindível desdobrar as diversas formas de intervenção que possam contribuir para a prevenção da saúde mental dos estudantes.

Propõe-se inicialmente que se estabeleça grupos de apoio psicológico nos colégios públicos e privados, para que seja elaborado o processo conflituoso do exame vestibular e se reduza, ainda que seja minimamente no início, a perda da saúde mental dos adolescentes vestibulandos. Como exemplo, pode-se citar o Departamento de Psicologia da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina) que desenvolve programas e grupos de orientação ao vestibulando (D'ávila e Soares, 2003), embora estes visam contribuir para um melhor desempenho do aluno na prova e coloca em plano secundário a saúde mental dos estudantes

Segundo Guhur, Alberto e Carniato (2010), em alguns países da Europa, há uma matéria específica na grade curricular do ensino médio que abarca questões da escolha profissional. Ao longo do texto o leitor pode observar que a escolha profissional também é uma forma de possibilidade do desencadeamento do transtorno de ansiedade em adolescentes vestibulandos. A escola, nesse sentido, é uma instituição que deveria ser responsável por trabalhar a temática da escolha profissional com os alunos dentro de cada realidade social, dando suporte a todos que necessitam.

Para concluir, espera-se que o presente trabalho possa contribuir para instigar a realização de pesquisas sobre o tema e o planejamento de pequenas e grandes intervenções, a curto, médio e longo prazo, entendendo que os aspectos que perpassam a realidade dos vestibulandos são inúmeros e diversos, exigindo, assim, que haja o entendimento de que é preciso intervir em diversos contextos para que o problema seja resolvido.

Referências

- Althusser, L. (1970). **Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado**. Lisboa: Presença.
- Aranha, M.L.A. (2006). **Filosofia da Educação**. Brasil: Ed. Moderna, Brasil, 2006, 188-196.
- Bock, A. M. B., & Furtado, O. & Teixeira, M. L. T. (2005). **Psicologias: Uma Introdução ao Estudo de Psicologia**. São Paulo: Saraiva.
- Castillo, A. R. G., & Recondo, R., & Asbahr, F. R., & Manfro, G. G. (2000) Transtorno de Ansiedade. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, 22(2), 20-23
- Clark, D.A., & Beck, A. T. (2012). **Vencendo a ansiedade e a preocupação com a terapia cognitivo-comportamental**. Porto Alegre: Artmed.
- Dalgalarrondo, P. (2019). **Psicopatologia e Semiologia dos Transtornos Mentais**. Porto Alegre: Artmed.
- Daolio, C. C., & Neufeld, C. B. (2017). Intervenção para stress e ansiedade em pré-vestibulandos: estudo piloto. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, 18(2), 129-140.
- D'ávila, G. T. & Soares, D. H. P. (2006). Vestibular: fatores geradores de ansiedade na 'cena da prova'. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, 4(1/2), 105-116.
- Peruzzo, A. S. & Cattani, B.C. & Guimarães, E.R. & Boechat, L.C. & Argimone, I.I.L. & Scarparof, H.B.K. (2017). Estresse e Vestibular como Desencadeadores de Somatizações em Adolescentes e Adultos Jovens. **Psicologia Argumento**, 26 (55), 319-327.
- Rodrigues, D. G. & Pelisoli, C. (2008). Ansiedade em vestibulandos: um estudo exploratório. **Revista de Psiquiatria Clínica**, 35(5), 171-177.
- Sanfelice, J. L. (1996). Crise! Que Crise!. **Revista Nuances**, 2, 5-8.
- Saviani, D. (2012a). **Escola e Democracia: polêmicas do nosso tempo**. Campinas: Autores Associados.
- Saviani, D. (2012b). **Pedagogia Histórico-Crítica**. Campinas: Autores Associados.
- Senna, R.S.C.M. & Dessen, M.A. (2012). Contribuições das Teorias do Desenvolvimento Humano para a Concepção Contemporânea da Adolescência. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, 28(1)1, 101-108.
- Silva, A.L.P. & Soares, D.H.P. (2001). A Orientação Profissional Como Rito Preliminar de Passagem: Sua Importância Clínica. **Psicologia em estudo, Maringá**, 6(2), 115-121.
- Silva, L.S.D.; Zanini, D. S. (2011). Coping e Saúde Mental de Adolescentes Vestibulandos. **Estudos de Psicologia**. 16(2), 147-154.

[v.1, n.1] Jan./Jun.2020

Sousa, C.; Silva, D.N.H. (2018). Adolescência em Debate: Contribuições Teóricas à Luz da Perspectiva Histórico-Cultural. **Psicologia em Estudo**, 23, 1-12.

Tuleski, S. C. (2008). **Vygotsky**: Uma Construção de Uma Psicologia Marxista. Maringá: Eduem.

Terra, D.H.P. & Vieira, G.A. & Costa, A.M.D.D. & Terra, F.S. & Freire, G.E.R. (2013). Ansiedade e Depressão em Vestibulandos. **Odontologia Clínico-Científica**, 12(4), 273-276.